



HOMENAGEM À FAFIRE¹

Profª Drª Eliete SANTIAGO

Srª. Diretora da Faculdade Frassinetti do Recife,
Irmã Maria das Graças
Prezados professores/as desta instituição
Estimados estudantes
Amigos e familiares presentes

Cumprimento a todos/as e parabênizo às/aos organizadoras/es do *16º Encontro de Educação e do 16º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil*, bem como os participantes e digo-lhes da minha emoção de estar aqui recebendo essa homenagem. Permitam-me falar de emoções, agradecimentos e esperança. Esperança não como pura espera (FREIRE). Mas como possibilidade do amanhã como transformação do hoje. São os sentimentos que me marcam.

Emociono-me por várias razões: pelo caminho feito ao caminhar, pelas pessoas com quem caminhei e pelas aprendizagens construídas. Emociono-me porque este momento traz o professor Paulo Freire e, junto com ele, Elza Freire, João Francisco de Souza, Paulo Rosas, Maria Adozinda (Doza), Maria José Baltar, Alcides Tedesco e outros professores e amigos que contribuíram com a minha formação e com a minha trajetória.

Emociona-me também porque essa homenagem vem de professores/as e estudantes, mas também porque vem de uma instituição como a FAFIRE.

A FAFIRE não é apenas uma Instituição de Ensino Superior. Mas uma Instituição de Ensino Superior que na sua história registra solidariedade, resistência e proposição. Pioneira no estado de Pernambuco na formação de professores, irmã mais velha da UFPE, que emprestou sua experiência e seu nome, ainda nos idos dos anos de 1940, para que fosse criada a Universidade do Recife. A FAFIRE fez do seu espaço o lugar das discussões do Movimento de Cultura Popular do Recife e de acolhimento às lideranças que construíram a educação para as camadas mais necessitadas da população do Recife e que fizeram a resistência nos anos de 1960.

Foi no auditório desta Faculdade que, em 1960, ocorreu a 1ª SEMANA ESTUDANTIL DE CULTURA POPULAR, reunindo estudantes, professores, intelectuais, artistas e políticos. Entre os quais o professor Nilo Pereira, diretor da então Faculdade de Filosofia de Pernambuco, antiga FAFIPE que deu origem a

¹ Uma palavra de agradecimento a esta Instituição que teve a iniciativa de, no interior do 16º Encontro de Educação e no 16º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil, prestar homenagem a uma professora: educação humanizadora/prática dialógica humanizadora; bases do processo de humanização: diversidade, liberdade de expressão.



Faculdade de Educação, hoje Centro de Educação da UFPE. Estavam também presentes Fernando Barbosa, Germano Coelho, Miguel Arraes, Paulo Freire, Ariano Suassuna, Abelardo da Hora, entre outros.

Foi no Salão Nobre desta Faculdade, no dia 13 de maio do ano de 1960, às 19 horas, que ocorreu o lançamento do Movimento de Cultura Popular/MCP. E, em 1986 com a abertura política, nesta mesma Faculdade, comemoraram-se os 26 anos do Movimento de Cultura Popular, quando foram agraciadas lideranças do MCP.

É esta Faculdade que tem esta história de engajamento que me homenageia. E o faz, penso, reconhecendo minha identificação com sua trajetória histórica e com minha passagem por ela.

Minha aproximação com a Fafire tem início com minhas atividades de Técnica em Assuntos Educacionais do Ministério da Educação e Cultura. Posteriormente, aqui exerci a função de professora, e, atualmente, prossigo como colaboradora eventual, quando sou convidada.

Aqui fui também me constituindo professora, vivenciei o modelo de gestão colegiada, participei de longas discussões e sessões de estudo. O Departamento de Educação foi a instância que desencadeou o trabalho coletivo, constituindo-se em um espaço de discussões e decisões do projeto de curso, sob a coordenação da professora Tereza Barros, nossa Chefe de Departamento à época e amiga de sempre. Ela arquitetou essa experiência, partilhada, entre outras, com as professoras Elizabeth Varjal, Maria Reneude de Sá, Graça Victor, Milma e Marilourdes Gouveia. Ela também oportunizou longas discussões em torno do curso de Pedagogia e formação de professores, avaliação e aproximação com a escola básica. Este espaço oportunizou experiências inovadoras. Na verdade, a Fafire foi para mim um laboratório de vivências pedagógicas e de prática de ensino. Prática de Ensino como componente curricular, atitude e prática pedagógicas que seguem nos desafiando, cuja reflexão e investigação são tão caras ao amigo - professor José Batista Neto.

Sou profundamente agradecida à FAFIRE, ao gesto do coletivo que me situa como professora *que contribui para o processo de humanização*. Na verdade, trabalhar na *perspectiva da humanização do humano* (como bem afirmava João Francisco, comungando com Paulo Freire) é o esforço que me move. É o desejo e o comprometimento de um coletivo que dele sou parte.

Sou parte de um coletivo que entende a humanização como dimensão utópica da educação como prática da liberdade, que entende que humanização supõe humanizar-se; que entende que este processo vai se realizando na relação com o outro, em comunhão; que é busca incessante... posto que é um *continuum*. Sou parte do processo de humanização que envolve pessoas que têm como horizonte,

citando Paulo Freire, O SER MAIS. Por isso essas pessoas comprometidas projetam, constroem sonhos, lutam por eles e trabalham nessa direção.

A humanização como horizonte da ação humana e educação é um projeto de justiça e de direitos humanos que se constrói com as práticas pedagógicas cotidianamente, a partir de cada gesto, de palavras e movimentos.

Por isso, trabalhar na perspectiva da *humanização do humano* (expressão que não é tão óbvia, como diria Paulo Freire, porque o ser humano frequentemente vem sendo subtraído da sua humanidade; nem redundante, como diria João Francisco de Souza, porque o humano pode ser coisificado) é compromisso dos que lutam por justiça e que, indignados, fazem do trabalho educativo seu campo de luta e de intervenção. Portanto, a humanização é desejo e prática intencional e coletiva. Por isto não posso ser só... e essa homenagem não pode se circunscrever apenas a mim. Mas estende-se a grupos de pessoas que em tempos e espaços diferentes contribuíram com a minha formação, com a minha humanização, e assim possibilitaram que meu esforço a tenha como horizonte. Assim, sou reconhecida e, ao mesmo tempo, partilho essa homenagem com muita gente: os que partiram, os que estão aqui e outras/os que gostariam de conosco estar, mas os afazeres da profissão não permitiram. Não citarei a lista de nomes, precisaria de muito tempo e certamente não fecharia a lista. Portanto, meus amigos, professores, estudantes, orientandos, familiares se situem nos grupos que me são caros e que comigo forjam meu jeito de ser gente e professora.

Peço, portanto, licença, para estender esta homenagem à minha família, em memória do meu pai e à pessoa da minha mãe, aqui presente. *Mulher - guerreira*, como são as mulheres do povo. Educadora que na vida e na lida construiu seu título de mestra e que soube reconhecer a importância social da escola pública. Daí sua luta para garanti-la para os seus três filhos (Eliete, Hélio, Edna) e hoje conferir que sua aposta valeu a pena. Por isso continua lutando, ao seu modo, para que as crianças estejam na escola.

Aos colegas professores, que como eu e outros/as trabalham, incansavelmente, cada dia, para contribuir com a leitura dos mundos, com a intervenção na realidade, no horizonte de uma escola pública de qualidade socialmente referenciada. Estendo a aqueles/as cuja indignação com as injustiças estão presentes na sua forma de ser professor/professora e que são traduzidos na qualidade dos seus textos/autores selecionados, no modo como trabalham com o tempo curricular, garantindo o tempo de trabalho escolar e acadêmico, no respeito aos saberes e ritmos dos estudantes, crianças, jovens ou adultos; na disponibilidade para a escuta autêntica, no trato à diversidade cultural e na disposição para a análise crítica das formas de gestão da educação, dos modos de ensino, dos modelos avaliativos que deslocam a atenção dos sujeitos da educação para os índices que dizem mais do produtivismo do que das aprendizagens e da efetivação do direito à

educação.

Não poderia deixar de agradecer aos/as estudantes de todos os níveis e orientandos/as que no processo relacional e de mão dupla me permitiram sonhar e ousar juntos. Sem eles e elas, certamente não me constituiria professora, nem poderia ter construído o currículo que me permite transitar no espaço acadêmico.

E por fim, agradeço a todos/as que fazem esta casa de educação (Fafire), hoje. Que honra sua história com o seu *devir*, nas pessoas da Irmã Graça, Diretora, e do professor Paulino, Coordenador do curso de Pedagogia.

Saibam que continuarei esforçando-me para honrar o compromisso que aprendi com os muitos que contribuíram para que fosse me constituindo professora, mesmo quando não tive a oportunidade direta de ser aluna, nem orientanda, a exemplo da Professora Silke Weber. Sou grata às entidades de classe e acadêmicas, às instituições públicas e aos movimentos sociais e políticos que me dão lições com seus modos contraditórios de ser ou de estar.

Para finalizar, meu agradecimento e a minha esperança em nossa tarefa política e pedagógica, na formação de professores críticos e na construção de uma escola de qualidade. Utilizando-me das palavras de Paulo Freire, reafirmaria: *uma das tarefas políticas que devemos assumir é viabilizar os sonhos que parecem impossíveis. Em outras palavras, é diminuir a distância entre o sonho e sua materialização.*

Muito obrigada.
Eliete Santiago/UFPE
Coordenadora da Cátedra Paulo Freire/UFPE